

RAÍZES PAULISTAS DA INCONFIDÊNCIA MINEIRA

Divagações de um diletante

*Nelson Pinheiro Franco **

Isaac Grinberg, num dos seus primorosos livros, lembra a forte contribuição dos mogianos nos mais importantes acontecimentos da história pátria. Nos primórdios da nacionalidade, ei-los, de fato, como povoadores e fundadores de cidades (Paracatu, Pitangui, Vila Boa de Goiás, São João Del-Rei, Ouro Fino, Airuóca, Resende, Ibitiruna e outras); e, cativos dos seus sonhos de conquistadores, vemo-los, os rudes bandeirantes, romper os mistérios do ínvio sertão, grávido de surpresas e ciladas; traçar com seu sangue as lindes desse Brasil que nos deslumbra por sua unidade territorial, lingüística, antropológica, social e política; e estender os confins dessa Nação, em que vivemos na comunhão dos mesmos sentimentos, interesses e aspirações. Não se omitiram jamais. Presença efetiva nas guerras contra os franceses e holandeses e os invasores do Sul, nas lutas contra a opressão, as ideologias malsãs, o vilipêndio e postergação dos direitos do homem.

No concernente aos eventos dramáticos da Inconfidência, Isaac traz à baila o nome de Domingos Fernandes da Cruz, paulista natural da Vila de Santana de Mogi das Cruzes, como a ele também se refere Luiz Wanderley Torres, na obra mais notável, a meu ver, escrita sobre Tiradentes, o Mártir da Independência (fls. 239, 280, 281, 340, 3ª ed., Ateniense).

Delatado pelo companheiro Joaquim Silvério dos Reis Montenegro, e perseguido, Tiradentes refugiou-se na casa de Domingos Fernandes, que o acolheu e deu-lhe abrigo e agasalho. Descoberto o esconderijo, diz Wanderley Torres, “de pronto se encaminham os militares à rua Latoeiros, cercam a casa de Domingos Fernandes, que não resistiu, enquanto Vidigal e o sargento penetravam nela. Ao forçarem a porta do sótão depararam Tiradentes entrincheirado atrás de uma cama, com o bacamarte apontado para a entrada. Rendeu-se à voz de prisão, ao verificar que se tratava de colegas de farda.”

Dar guarida, acoitar o rebelde que encarnava os ideais libertários e nativistas do povo brasileiro e lutava por nossa emancipação do jugo português, era um arrojo inaudito pelas conseqüências possíveis de

cumplicidade na conspiração que se tipificava como crime de lesa-majestade.

Domingos Fernandes, porém, tinha a têmpera dos velhos paulistas, dessa “race de fer, indomptable”, nas palavras de T. Lacordaire, o denodo de arrostar com o brasido das aras do sacrifício, por amor do bendito chão em que nasceu.

Ele exercia no Rio de Janeiro (rua dos Latoeiros, hoje Gonçalves Dias) a profissão de ourives, marcador de prata e contrasteador de metais preciosos, segundo Augusto de Lima Jr. (Pequena História da Inconfidência, 1955, fls. 16); e de torneiro. Pelo gênero de sua atividade profissional havia de ser pessoa instruída e bem relacionada nos altos escalões da sociedade.

Não me foi possível saber dos antepassados de Domingos Fernandes Cruz. Alguma coisa, porém, me convence de que era aparentado de Tiradentes cujos avós ou eram mogianos de nascença ou adoção.

Falemos primeiro das raízes mogianas do Mártir da Independência.

O preclaro genealogista Lael Vital Brasil, filho de um dos vultos proeminentes da medicina brasileira, enviou-me estudo sobre seus ancestrais (os Pereiras de Magalhães, família de Venceslau Brás). E lembra que Manoel Pereira de Magalhães foi casado com Helena Rodrigues Fróis, neta do Cel. Pedro Rodrigues Fróis, um dos homens principais de Mogi das Cruzes. O pai desse Manoel, do mesmo nome, era esposo de Rosa de Oliveira, mogiana, tia-avó de Tiradentes.

Na árvore genealógica que acompanhou esse artigo, está manifesto que os mogianos Isabel de Oliveira Colaço e seu marido Antonio de Oliveira Setúbal (vide Silva Leme, V, 326 e Wanderlei, op. cit., fls. 185; Augusto de Lima, fls. 98) tiveram duas filhas: a) uma, a sobredita Rosa de Oliveira; outra, Maria de Oliveira Colaço, casada com Domingos Xavier Fernandes. Deste casal nasceu Antonia da Encarnação Xavier casada com Domingos da Silva Santos, pais de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes.

São nítidas, assim, as raízes mogianas de Tiradentes. Seus avós, ao que se sabe, tinham sítio no Guaió ou em Itaquaquecetuba, onde, aliás, eram afazendados os Rodrigues Fróis, já mencionados, meus ancestrais.

E agora a indução de que Domingos Fernandes Cruz era parente de Tiradentes.

Ele era indubitavelmente mogiano, como o afirmam todos os historiadores. E os avós de Tiradentes e a tia-avó Rosa de Oliveira o eram também. E observe-se: o avô de Tiradentes Domingos Xavier Fernandes tinha o seu nome quase igual ao de Domingos Fernandes da Cruz. Essa coincidência de prenome e em parte de sobrenome pode ser encarada, com as devidas reservas, como indício de um parentesco, que explicaria a razão

subjetiva, de afeição, pela qual Domingos Fernandes acolheu Tiradentes em sua casa, consciente dos graves riscos de vida e liberdade que estava a correr.

Essa hipótese não é desprovida de verossimilhança, cumprindo aos eruditos da genealogia testar-lhe a idoneidade no cadinho de suas aturadas pesquisas.

Prossigamos em busca das raízes paulistas de outros inconfidentes:

- a) O Padre Carlos Corrêa de Toledo e seu irmão o sargento mor Luiz Vaz de Toledo Piza eram taubateanos. Descendentes dos paulistas dos tempos heróicos, na palavra de Augusto de Lima Júnior (fls. 68). Um dos sobrinhos, Claro José da Mota, era quem fazia as ligações dos inconfidentes de Minas com os de São Paulo. O Padre Carlos foi “o mais firme dos inconfidentes”, depois do alferes, ressalta Luiz Wanderley Torres (op. cit., fls. 241).
- b) Manuel Joaquim de Sá Pinto do Rego Fortes, capitão da Legião dos Voluntários de São Paulo, era de tradicional família paulista (Diogo Pinto do Rego, governador da Capitania de São Vicente; Francisco Pinto do Rego, Coronel dos Auxiliares de Mogi das Cruzes e Jacareí, cavaleiro fidalgo da Casa Real; Eugênia Pinto do Rego, mogiana, avó do Conde do Pinhal. Esses e outros nomes podem ler-se no Silva Leme: I, 142; II, 305 e 189; IX, 6 e 48; VII, 97 e 124. Os Pintos do Rego, em sua maioria, eram de Mogi).
- c) José Alvares Maciel. Seus avós maternos, naturais de São Paulo, foram o guarda mor Maximiliano de Oliveira Leite e Inácia Pires de Arruda (Augusto de Lima, fls. 73). Considerado um dos homens mais eminentes que em todos os tempos terão nascido em Minas Gerais e figura entre os mais ativos coordenadores da gloriosa insurreição espiritual da Capitania das Minas Gerais, diz Augusto de Lima Júnior, fls. 75.
- d) Salvador Carvalho do Amaral Gurgel nasceu no Rio de Janeiro. É notório, porém, que sua família é paulista e das mais importantes de São Paulo.
- e) Cláudio Manoel da Costa, cantor da gesta bandeirante, no poema heróico Vila Rica, era filho de Dona Teresa Ribeiro de Alvarenga, paulista de alta prosápia (Wanderley, fls. 239).

- f) Ignácio de Alvarenga Peixoto, ouvidor geral, primo de Tomaz Gonzaga e poeta como ele, não era paulista. Sua esposa, porém, Bárbara Heliodora Guilhermina da Silveira, pertencia à grei bandeirante. Eram seus pais o Dr. José da Silveira e Souza e Maria Josefa da Cunha, bisneta de Amador Bueno da Veiga, o Cabo Maior dos Paulistas, e sexta neta de Amador Bueno, o Aclamado (v. Aureliano Leite, Rev. da Academia Paulista de Letras, nº 48, fls. 30).

As mulheres paulistas sempre deram aos maridos e filhos o apoio moral de que eles precisavam nos momentos cruciais de afirmação da nacionalidade. Insuflavam-lhes o alento da coragem quando os sentiam desfalecer no ânimo de luta e empalidecia e bruxuleava a chama da fé. Na saga piratiningana, há episódios que o atestam, entre eles o da guerra dos Emboabas, em que eles se recusaram a receber os maridos, os pais, os noivos, enquanto não desagravassem os brios paulistas conspurcados nas injúrias e violências sofridas no morticínio do Capão da Traição.

Bárbara Heliodora, a Heroína da Inconfidência, é outro exemplo. Rica, bela, culta, os modos fidalgos, ela soube aconselhar o marido a se manter fiel aos ideais revolucionários; e estoicamente sofreu a desgraça que lhe recaiu no lar com a condenação dele.

Nesse quadro que acabei de esboçar se mostra em todo o seu fulgor a influência paulista na pregação do movimento que se convencionou chamar “A Inconfidência Mineira”. Estudos mais profundos hão de emergir outros documentos significantes, fazê-los vir à tona, o que não será de estranhar, atento a que os paulistas é que descobriram as Minas Gerais e primeiro a povoaram.

Não será porque sentia a vibração do povo do Planalto, o entranhado seu amor de liberdade, o desassombro nativista, o horror do ergástulo, a inconformidade com a canga da sujeição colonial, que Dom Pedro Primeiro veio proclamar, no solo sagrado de Piratininga, a Independência do Brasil?

* O autor é Desembargador (SP).